

LIBERDADE COM OBEDIÊNCIA: A CRÍTICA AO FEMINISMO NOS IMPRESSOS

das Testemunhas de Jeová (1972-1986)

VINICIUS MIRO ARRUDA*

RESUMO

Considerando o cristianismo como um sistema cultural altamente genericado, esse artigo pretende analisar de que maneira, na segunda metade do século XX, a segunda onda do feminismo teria impactado o discurso de um grupo religioso dissidente dentro da cristandade – as Testemunhas de Jeová. Pois, enquanto os fundamentalistas estadunidenses se envolviam com políticas públicas, para defender sua moral e seus ideais nacionalistas, as Testemunhas de Jeová preferiam defender essa mesma moral ao largo da esfera pública nacional, por meio de um circuito de cultura impressa transnacional. Assim, criando uma cidadania religiosa global que tanto superaria o feminismo quanto o antifeminismo, por meio da defesa de uma teocracia amorosa vindoura, o Paraíso terrestre, que exterminaria o patriarcado mundano e disciplinaria maridos e esposas em um casamento perfeito sob a tutela do saber bíblico das Testemunhas.

Palavras-chave: Testemunhas de Jeová; Mídia Impressa; Feminismo.

ABSTRACT

Considering Christianity as a highly engendered cultural system, this article intends to examine how, in the second half of the twentieth century, the second wave of feminism would have impacted the discourse of a dissident religious group within Christendom – the Jehovah's Witnesses. For while American fundamentalists engaged in public policy to defend their nationalist ideals and morals, Jehovah's Witnesses preferred to defend that same morality off the national public sphere through a circuit of transnational printed culture. Thus, by creating a global religious citizenship that would both overcome feminism and antifeminism, by defending a coming loving theocracy, the Earthly Paradise, which would exterminate the mundane patriarchy and discipline husbands and wives in a perfect marriage under the tutelage of biblical knowledge of the Witnesses.

Keywords: Jehovah's Witnesses; Printed Media; Feminism.

* Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal do Paraná – grau obtido no ano de 2017. Email: viniciusmiroarruda@gmail.com.

Esse artigo tem como base os resultados de pesquisa de iniciação científica realizada no ano de 2015 sob orientação da Profª. Drª. Karina Kosicki Bellotti.

Introdução ao Cristianismo Generificado

Como um breve levantamento bibliográfico pode demonstrar, os estudos de gênero e religião são uma intersecção ainda marginal no âmbito da pesquisa acadêmica, apesar de estabelecida a dependência e a conversa, na vida social cotidiana, entre as identidades religiosas e as de gênero – frequentemente, com desdobramentos emblemáticos, dignos de análises acuradas, como reações conservadoras em relação à emancipação de mulheres, ou de outros dissidentes sexuais, baseadas em dogmas e doutrinas religiosas. O que se acentua quando essas reações tomam a forma de uma agenda política com o fim de assegurar, desde a virgindade das solteiras ao casamento para fins reprodutivos, a vigência do modelo de família heteropatriarcal, um modelo judaico-cristão ainda influente nas sociedades secularizadas que se originaram dessa matriz histórica¹. Um modelo de exercício do poder que é tanto íntimo quanto comunitário, orientando tanto a família nuclear, sob o comando do pai ou do patriarca, quanto a igreja de *irmãos* e *irmãs* emulando uma família, onde as mulheres, como nos lares, seriam privadas de exercer o papel de chefia. Como afirma a teóloga Luiza Tomita, a sobrevivência das mulheres dentro da cristandade estaria vinculada à sua capacidade de reproduzir, docilmente, a vida na comunidade, como virgens maternais, passivas e obedientes como Maria².

Desigualdade de gênero que também sustentaria o projeto universalista cristão, tendo em vista que o trabalho de evangelizar o mundo dependeria, sobretudo, em narrativas mais conservadoras, da estabilidade do modelo de família *tradicional*, lócus de qualquer iniciativa proselitista, onde o legado de Cristo seria transmitido de pai para filho, e daí para o mundo, por intermédio das mulheres em função marital e maternal³. Por isso, quando se organizaram, nos Estados Unidos do Pós-Guerra, o feminismo branco, liberal, de classe média e outros movimentos que visavam emancipar as mulheres do domínio patriarcal, muitos cidadãos denominados *fundamentalistas* ou *evangelicalistas* se mobilizariam para deter essa, que seria lida por eles como uma, ameaça satânica ao bem-estar das famílias e da nação estadunidense. Uma retórica que mobilizaria não apenas os homens cristãos, mas também as esposas e mães cristãs. Mulheres como Phyllis Schlafly e Beverly LaHaye⁴ se tornariam, paradoxalmente, ativistas *maternais* da causa antifeminista, com grande visibilidade e influência pública, reivindicando a manutenção de históricos privilégios raciais e de gênero, questionados por reformas legislativas liberais, e o retorno das mulheres ao seu lugar *devido* – a esfera privada e doméstica⁵. Porque, para essas ativistas, o feminismo expressava o *egoísmo* de mulheres que pensavam apenas em si mesmas, desejando ter *direitos próprios*, enquanto elas, as antifeministas, defendiam o seu ativismo como representante da vontade divina, em prol dos direitos de suas famílias, pelas quais estariam dispostas a exercer um controle misógino sobre

1 TOMITA, L. “O desejo sequestrado das mulheres: desafio para a teologia feminista no século 21” In: SOUZA, S. D. (organizadora). *Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p.150-151.

2 *Ibidem*, p.154.

3 SILVA, E.M. “Fundamentalismo evangélico e questões de gênero: em busca de perguntas” In: SOUZA, *op.cit.*, p.17-18.

4 A partir de 1964, Phyllis Schlafly e, uma década depois, LaHaye eram maternais lideranças para as mulheres conservadoras que experimentavam, muitas pela primeira vez, o ativismo político anti-aborto ou contra os direitos igualitários representados pela Equal Rights Amendment (ERA). Ao discurso anticomunista de Schlafly, Beverly LaHaye acrescentava a necessidade de enfrentar a ameaça diabólica feminista, incentivando reações agressivas – que, se entre as feministas seculares seriam motivos para crítica antifeminista, entre as ativistas conservadoras era uma manifestação do divino instinto materno. Cf. KINTZ, L. “Clarity, Mothers, and the Mass-Mediated National Soul: A Defense of Ambiguity” In: KINTZ, L. & LESAGE, J. (ed.) *Media, Culture, & the Religious Right*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1998, p.128-130.

5 DIAMOND, S. *Spiritual Warfare: the politics of the Christian Right*. Boston: South End Press, 1989, p.105.

a liberdade das mulheres, com isso, salvaguardando também o cristianismo estadunidense e suas *necessárias* prerrogativas patriarcais⁶.

Logo, mais do que defender a pertinência de sua moral privada, o fundamentalismo nascido em meados do século XX possuía um projeto nacional, arquitetado em volta de uma moral pública ideal, que retomaria o *destino cristão* dos Estados Unidos da América. Nisso residindo, enfim, a dessemelhança entre esses cristãos fundamentalistas e as Testemunhas de Jeová, ambos no espectro mais conservador da cristandade, uma vez que as Testemunhas não acompanhariam os fundamentalistas em seu despertar político, recusando-se, como ainda se recusam, a participar dos ritos cívicos nacionais, bem como das instituições cívicas, sendo, por isso, taxadas pelos estadunidenses mais patriotas de *un-americans*, anti-americanas⁷. À revelia do ativismo religioso antifeminista, as Testemunhas de Jeová ainda se opunham, em meados do século XX, ao envolvimento político com o Estado e a defesa de um cristianismo nacional unificado, o que, por outro lado, não significava que essas Testemunhas acordavam com os movimentos de libertação de mulheres e de outros dissidentes secularizados. Portanto, quando se tratou de criticar a segunda onda do feminismo, a cristandade se fragmentaria em diferentes lugares de locução, que expressavam as rivalidades e as alianças estratégicas nesse campo religioso, como essas articuladas entre o fundamentalismo e as Testemunhas de Jeová, conforme será visto mais detalhadamente ao longo desse artigo, que se dedica ao estudo do moralismo patriarcal das Testemunhas no contexto de estabelecimento do feminismo nos anos de 1970 e 1980.

O Circuito Cultural das Testemunhas de Jeová

Ainda que as Testemunhas de Jeová evitassem interagir com a esfera pública nacional, nos Estados Unidos e em outros países em que estivessem estabelecidas, elas se preocupavam, sobretudo, a partir dos anos 1970, em criar sua própria esfera pública transnacional, por meio de uma rígida burocracia corporativista e uma extensa e complexa rede editorial, administrada pela instituição conhecida no Brasil como Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados⁸. Associação religiosa com filiais ao redor do mundo que, além de representar as Testemunhas de Jeová e organizar seu trabalho religioso, monopolizaria a produção de conhecimento dentro desse movimento cristão, por meio, sobretudo, de equipes de redatores, formados por Testemunhas de Jeová, que escreveriam – desde a sede estadunidense da Torre de Vigia, anonimamente, como *servo fiel e discreto*, para usar um termo corrente entre as Testemunhas – todo o material que seria impresso nos Estados Unidos e reimpresso noutros países. Assim, por meio de livros e revistas, distribuídos gratuitamente pelos colportores e tutores de ensino bíblico em constante contato com o mundo *de fora*, a Torre de Vigia ampliava o seu campo de influência epistemológica, comunicando seu saber bíblico e sua perspectiva sobre as *coisas do mundo* para um número crescente de potenciais Testemunhas de Jeová, como uma grande nação dispersa pelo globo, nascida dos esforços voluntaristas dos prosélitos bem munidos e controlados pela Sociedade Torre de Vigia.

6 KINTZ, *op.cit.*, p.118-119.

7 KNOX, Z. "Jehovah's Witnesses as Un-Americans? Scriptural Injunctions, Civil Liberties, and Patriotism", *Journal of American Studies*, 47, 4, 2013, p.1083

8 As nomenclaturas *Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados* e *Testemunhas de Jeová* remontam aos anos 1930, quando esse movimento religioso oriundo dos Estados Unidos, ainda sediado nesse país e ativo desde os anos 1870, iniciou seu longo processo de intensa institucionalização. Contudo, nos anos 2000, a pessoa jurídica mudaria de Sociedade para *Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados*, conforme será citada em notas bibliográficas ao longo desse artigo.

Contudo, apesar da grande produção de material impresso, as Testemunhas de Jeová se apresentariam num primeiro estágio de proselitismo por meio de duas revistas quinzenais, *Desperta!* e *A Sentinela*, que se consolidariam como o material mais difundido e popular produzido pela Sociedade Torre de Vigia, assim como os impressos que melhor dialogariam com a vida mundana, uma vez que tinham por objetivo ser a última fronteira comunicativa entre as Testemunhas de Jeová e o mundo externo a sua Sociedade. Assim, para compreender o posicionamento, constituído em um circuito cultural transnacional, dessa instituição em relação aos movimentos de libertação feminina, da segunda metade do século XX, conhecidos como segunda onda do feminismo, a análise aqui realizada se detém nos números dessas duas revistas publicados entre as décadas de 1970 e 1980 – baliza temporal que corresponde ao período em que foram publicados nas revistas inúmeros textos dedicados ao movimento de libertação de mulheres, marcando, assim, o início e o término de um interesse significativo pelas *senhoras* feministas. Enfim, uma escolha que parte do pressuposto de que essas revistas, além de privilegiarem temáticas seculares, seriam acessadas por um expressivo público-alvo, em geral, externo à Sociedade.

Agora, quanto ao método para a análise dessa amostra documental, cabe registrar as sugestões do historiador Roger Chartier, válidas para o caso das Testemunhas de Jeová e seu circuito de cultura impressa, transnacional e generificado. Primeiramente, o cuidado para não incorrer em explicações simplistas quanto às relações e oposições de gênero binárias, não se precipitando em generalizações, mas dando atenção aos mecanismos particulares de diferença sexual que orientam o nicho estudado⁹. Como dito anteriormente, essa diferença era mesmo assegurada por algumas mulheres cristãs, durante a segunda metade do século XX, numa demonstração clara de adesão dessas mães e esposas ao domínio patriarcal sobre seus corpos e suas identidades. Por isso, além do cuidado com nuances particulares, a análise precisa dar ênfase à leitura dos dispositivos que convencem, ou tentam convencer, as mulheres da própria inferioridade – o que Chartier denomina como *violência simbólica* ou representativa. Modo de estudo que instiga também a perceber os dispositivos falhos e os desvios nas representações, permitindo a evasão de resistências sutis em ambígua tensão com a obediência¹⁰. Sugestões de método realizadas no estudo desenvolvido nesse artigo, voltado a explicar as particularidades e as ambíguas contradições presentes nos arranjos de gênero concebidos pela Sociedade Torre de Vigia.

Uma História Cíclica do Patriarcado

Assim, analisando a edição de *Desperta!* publicada em 22 de Novembro de 1972, com base em um dos artigos desse número, é possível afirmar, numa primeira impressão bastante nítida, que a Torre de Vigia reconhecia a existência de desigualdades de gênero, localizando essas desigualdades no curso de uma concepção particular de História. Como admitiriam os redatores, “[...] se passar os olhos sem preconceitos pela História, será obrigado a concordar que as mulheres têm muitos motivos de queixas [...]”, queixas que existiriam há séculos, de maneira que, afirmariam esses mesmos redatores, as críticas das senhoras feministas deveriam ser estudadas, antes de se assumir qualquer posicionamento sobre elas – cautela que alguns homens não teriam, sendo chamados de tolos e despeitados pelos redatores desse artigo que, na sequência, resgatariam algumas *verdades* históricas, das guerras armadas às disputas por

9 CHARTIER, R. “Diferenças sobre os Sexos e Dominação Simbólica (nota crítica)”, *Cadernos Paga*, 4, 1995, p.38-40.

10 *Idem*, p.42-47.

poder cívico, temas da historiografia *masculina*, para definir as opressões seculares vividas pelas mulheres. E, finalmente, ainda nesse mesmo artigo, os redatores concordariam com a existência de um poder patriarcal, violento e misógeno, historicamente estabelecido no mundo inteiro, que, porém, na opinião deles, compreenderia homens e *mulheres* poderosos, cujos comportamentos seriam *iguais* – todos patriarcais¹¹.

Agora, para tornar mais complexa essa conceituação, o tal patriarcado, concebido pela equipe redatora da Sociedade Torre de Vigia, seria resultado da ação da *primeira* mulher. Em *A Sentinela*, num artigo da edição de 1º de Julho de 1986, os redatores explicariam que a *escravidão* que submetia a humanidade a *gemidos* de dor, tristeza, por justiça, de doença e morte, decorreria da primeira *libertação* – a do casal original em relação a Deus. Da mesma forma, as libertações raciais, nacionais e femininas, contemporâneas aos redatores, de acordo com eles, estariam fadadas à imperfeição – à maneira do que ocorreu com a mulher adâmica, Eva, que desejando ser independente, desobedecendo a Deus, conquistaria a submissão ao esposo. Por isso, ainda que os homens fossem cruéis com as mulheres há séculos, para os redatores de *A Sentinela*, o movimento feminista se equivocava ao ignorar a *divina* libertação, a única libertação que restauraria a vida paradisíaca perdida¹². A história bíblica, teológica, assim, complementava a história secular, explicando que a autoridade patriarcal teria sucedido à autoridade divina, por meio de um golpe realizado no Paraíso por uma mulher. Um conceito histórico de patriarcado que possibilita interpretar melhor o posicionamento da Torre de Vigia acerca do movimento feminista.

Para as Testemunhas de Jeová, existiam dois regimes de poder sobre o corpo feminino. Um deles, exercido divinamente sobre toda a humanidade e outro, exercido exclusivamente sobre as mulheres, em desacordo com Jeová, o Deus das Testemunhas, portanto, um regime que a Torre de Vigia repudiava, como opressão secular e masculina, tanto quanto as feministas organizadas. Contudo, os redatores da Torre de Vigia escreviam contra as atitudes, para eles, *agressivas* das feministas contra o sistema patriarcal¹³, preferindo neutralizar o patriarcado, ou tornar esse sistema mais tolerável, até o estabelecimento do *reino dos céus* na Terra, o retorno do *Paraíso*. Um posicionamento milenarista, despreocupado, que também explica porque as Testemunhas se recusavam a participar do projeto de cidadania nacional dos fundamentalistas. Afinal, se esses cristãos assumiam o dever de corrigir o mundo e se comportavam movidos por essa causa, a Torre de Vigia dava pouco crédito à capacidade humana de corrigir os erros cometidos pela própria humanidade – de maneira que, o zelo estendido à instituição familiar nunca estava associado a uma paranoia relacionada à segurança nacional ou com o mercado capitalista, posto que, para as Testemunhas de Jeová, a nação e o mercado se igualavam ao feminismo, sendo talvez mais *mundanos* do que esse. Enfim, as associadas da Torre de Vigia consideravam que existia apenas uma retórica *verdadeira*, contida nos livros bíblicos, cuja leitura correta apenas elas saberiam – assentando, desse modo, a unidade do cristianismo em termos *divinos* e *duradouros*, enquanto a *irmandade* feminista e, por extensão, a antifeminista, baseadas em ideias mundanas, seriam *frágeis* e *solúveis*.

11 *DESPERTA!* São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 22/11/1972, p.3-6. Watchtower Library 2012 – Edição em Português. São Paulo, 2012. CD-ROM.

12 *A SENTINELA*. São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1/7/1986, p.4-5. Watchtower Library 2012 – Edição em Português. São Paulo, 2012. CD-ROM.

13 Nesse sentido, os redatores explicariam, por exemplo, em uma nota, que a agenda política das senhoras feministas compreendia marchas e intervenções, como ataques em banheiros públicos para homens, por não existir o correspondente feminino, e assédio aos homens na rua, assobiando e discutindo as qualidades e defeitos desses, além da eleição de candidatas femininas para cargos públicos, estando as câmaras municipais de alguns lugares “sob o seu controle”. Cf. *DESPERTA!* São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 22/11/1972, p.4. Watchtower Library 2012 – Edição em Português. São Paulo, 2012. CD-ROM.

Uma Apologia ao Casamento Desigual

Resumindo, a autonomia secular das senhoras feministas era criticada pela Torre de Vigia como uma conduta equivocada para solucionar *problemas de gênero* reais. Um parecer que resultava de uma coleta de dados detalhada a respeito do que essas mulheres aspiravam e desenvolviam, conforme elas mesmas relatariam nas revistas, quando eram citadas em alguns artigos, discordando do movimento de libertação de que haviam participado. Dessa maneira, a Torre de Vigia construía suas críticas e indicava as falhas no movimento a partir dessas vozes legítimas de mulheres desiludidas com o feminismo – estrutura de argumentação ambígua o suficiente para parecer neutra, logo, verdadeira, e convencer as outras mulheres que, talvez, naqueles anos, estivessem vivendo grandes dilemas, fossem elas Testemunhas ou não. Nesse sentido, os redatores da Torre de Vigia evocavam em alguns de seus artigos uma figura por eles chamada de *Esposa Desistente*, em geral, uma mulher frustrada com o casamento e a vida doméstica e familiar, que abandonava o lar, passava a viver como solteira emancipada, depois de algum contato com o movimento de libertação, breve e indireto ou bastante intenso, para, enfim, estar arrependida – arrependimento confessado nos relatos ou prescrito, sugerido, pelos redatores.

No entanto, ainda que a libertação feminina fosse acusada de influenciar as mulheres a se descontentarem com a monotonia doméstica, contrastada com a busca por uma identidade própria¹⁴, os redatores não negariam a existência de dificuldades na vida em casal, no lar e com filhos e filhas, mas afirmariam se tratar de algo inevitável em um mundo sem o governo divino¹⁵, o que precisaria ser tolerado e resolvido à luz da Bíblia, sem desistências¹⁶. Desse modo, mesmo relatando que algumas mulheres eram duras com as feministas, porque estavam satisfeitas com a sua feminilidade patriarcal, negando a pertinência dos direitos civis, os redatores da Sociedade Torre de Vigia insistiriam na realidade das desigualdades de gênero e na importância dos homens para a mudança de vida das mulheres, em que a

14 *DESPERTA!* São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 22/4/1978, p.4-5. Watchtower Library 2012 – Edição em Português. São Paulo, 2012. CD-ROM.

15 Uma dessas esposas desistentes, depois de quatorze anos casada, aos trinta e cinco anos de idade e com três filhos, abandonou o lar com a filha, deixando os dois outros filhos com o pai, para viver independentemente como professora e feminista. Ela alegava estar frustrada. Esgotamento que, concordariam os redatores, seria causado por situações incontornáveis que resultariam do desvio feito pela humanidade dos planos divinos – a imperfeição do mundo humano que precisaria ser tolerada até que o reino celestial a eliminasse. Por outro lado, seria útil organizar melhor as tarefas e não se sobrecarregar com elas – caso isso não fosse viável, eles aconselhariam aos leitores, a cooperação com outras pessoas, amigos e amigas, filhas e filhos, o cônjuge, patrões e subordinados, solucionaria. Desistir como fez aquela esposa somente traria mais aborrecimentos e solidão, sem ter com quem compartilhar as frustrações, eles refletiriam. Enfim, no término do artigo, os redatores culpariam a mulher por ter abandonado os dois filhos e prescreveriam que seu marido poderia se casar com uma nova esposa, enquanto ela seria desprezada por qualquer pretendente com uma mãe e esposa facilmente desistente. Cf. *A SENTINELA*. São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 15/2/1973., p.99-100. Watchtower Library 2012 – Edição em Português. São Paulo, 2012. CD-ROM.

16 Ainda outra jovem esposa desistente, depois da independência experimentada em seu trabalho na força aérea estadunidense, frustrou-se com a vida doméstica, os quatro filhos e um marido que não cooperava. Assim, estimulada pelas leituras feministas, ela anunciou ao marido que renunciaria a tudo – o que não causaria surpresa, afinal, ele e os filhos também se afastavam dela por causa de seus novos conceitos radicais. Mas, ponderariam os redatores do artigo, esses seriam problemas comuns aos casados, conhecidos mesmo pelos que vivem bem – “não importa a quem coubesse a culpa”, sentenciarão. Ainda, de acordo com eles, se as pessoas se casavam felizes, passada a convivência, embates e pressões desapareceriam com a alegria inicial delas – quando não se separassem, por divórcio ou desquite, conviveriam por resignação, não por prazer. Em alguns casos, conformar-se-iam com o matrimônio como um arranjo temporário. Contudo, os redatores prefeririam aconselhar pela resolução dos problemas – assim, voltando àquela família do relato, depois de contatar as Testemunhas de Jeová, no momento em que seus membros aprenderiam, cada um, suas devidas funções, aquela família, cuja mãe e esposa planejava o abandono, desabrocharia. O que os redatores explicariam como o resultado de se recorrer ao Criador, não a conselheiros e psicólogos humanos. Cf. *A SENTINELA*. São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 15/2/1976, p.99-100. Watchtower Library 2012 – Edição em Português. São Paulo, 2012. CD-ROM.

natureza de cada um seria respeitada¹⁷, posto que, diriam os redatores, as diferenças entre mulheres e homens seriam naturais – de acordo com supostas evidências neurológicas citadas por eles, mas, principalmente, conforme estaria registrado no livro bíblico de Gênesis. Assim, finalmente, para esses redatores, tais diferenças naturais poderiam ser resolvidas, antes do governo divino na Terra se restabelecer, por meio do casamento amoroso, cheio de respeito e cooperativo, submisso ao governo divino vindouro, em que os dois cônjuges, supostamente desiguais por natureza, complementar-se-iam¹⁸. Uma harmonia matrimonial que poderia ser estabelecida, segundo a equipe redatora da Torre de Vigia, quando o marido demonstrasse apreço pelas opiniões e preferências de sua esposa, mesmo se tratando de preferências e opiniões adversas à sua, não precisando, por isso, “as mulheres nesse mundo de libertação feminina” acharem a prerrogativa masculina repugnante¹⁹.

E, novamente, para tecer essa defesa de um casamento desigual, em respeito à suposta natureza de cada parte casada, a Sociedade Torre de Vigia recorreria ao testemunho de uma ex-feminista, primeiro, emancipada pela libertação, depois desiludida e, num terceiro ato, *verdadeiramente* emancipada pelo saber bíblico das Testemunhas de Jeová. Publicado em um artigo de *A Sentinela*, na edição de 1º de Janeiro de 1975, o relato dessa mulher terminaria no momento em que ela decidiu superar seus preconceitos e dar uma chance ao estudo da Bíblia, da mesma forma como se permitira, receosamente, conhecer o movimento feminista. Assim, quando iniciou seus estudos com as Testemunhas de Jeová, “as únicas pessoas que ensinavam a Bíblia direito”, ela se admiraria com o conselho bíblico de que todos, homens e mulheres, deveriam ser *ternamente compassivos*, mas estranharia a necessária hierarquia entre marido e esposa. Todavia, como ela mesmo explicaria em seu relato, logo compreendeu que o marido em questão não seria um homem *do mundo*, mas um cristão submisso a Jesus, que trataria sua esposa como aquele tratava seus seguidores, com amor e entrega. Desse modo, convencida pela sinceridade com que as Testemunhas de Jeová pareciam, para ela, praticar esses ideais bíblicos, a autora do testemunho, frustrada com o feminismo e a correção dos homens por si mesmos, diria estar determinada a divulgar a *verdadeira* libertação, única capaz de exterminar todas as opressões, em que a chefia *amorosa* masculina seria mantida, mas a tirania *egoísta* do homem, enfim, deixaria de existir²⁰.

Considerações Sobre o Gênero de Deus

Ainda sobre essa parceria *perfeita* entre o marido amoroso e sua contraparte, em um artigo publicado na edição de 15 de Fevereiro de 1976 de *A Sentinela*, os redatores da Torre de Vigia reafirmariam que os papéis exercidos dentro do casamento visavam o êxito familiar e eram ambos honrados, portanto, em nada serviriam para desmerecer ou exaltar qualquer um dos dois cônjuges. Enquanto o marido deveria, de acordo com a equipe redatora, aceitar-se como líder protetor, sem rigidez ou desamor, sendo um chefe digno, a esposa se disporia a ser uma *ajudadora* suplementar, da mesma maneira como Deus seria qualificado, de *ajudador* da humanidade, nos textos de Oseias 13: 9 e Hebreus 13: 6. Assim, continuariam os redatores,

17 *DESPERTA!* São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 22/11/1972: 8-9. Watchtower Library 2012 – Edição em Português. São Paulo, 2012. CD-ROM.

18 *DESPERTA!* São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 8/8/1976, p.17; 8/1/1982, p.32. Watchtower Library 2012 – Edição em Português. São Paulo, 2012. CD-ROM.

19 *DESPERTA!* São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 8/6/1978, p.8. Watchtower Library 2012 – Edição em Português. São Paulo, 2012. CD-ROM.

20 *A SENTINELA*. São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1/1/1975, p.8-10. Watchtower Library 2012 – Edição em Português. São Paulo, 2012. CD-ROM.

qualquer problema entre um casal poderia ser solucionado se o marido fosse mais confidente, afetuoso, e a esposa fosse menos impertinente²¹. Portanto, para além de eleger o casamento e a família como parte da natureza de um casal, sempre heterossexual e necessariamente desigual, no que o homem seria apto ao governo e a mulher seria apta ao apoio, a Sociedade Torre de Vigia comparava o papel de apoiadora passiva desempenhado pelas esposas ao protagonismo oculto de Deus como um ajudador da humanidade – recurso discursivo que consegue tanto legitimar a obediência das esposas, convencendo-as da magnitude de sua passividade, quanto confirmar a potência do Jeová das Testemunhas como algo anterior, ou externo, ao patriarcado e capaz de superar esse sistema, confundindo mesmo as suas bases epistemológicas.

Assim, para a Sociedade Torre de Vigia, a única forma de se libertar do patriarcado e evitar um desvio à *escravidão* seria por meio da obediência aos comandos bíblicos de Jeová, que preparariam a cristandade para a teocracia autêntica num *futuro próximo*. Nesse esquema, a chefia masculina se configuraria como um improviso diante do pecado da mulher adâmica, um obstáculo vencido quando subvertido ou efeminado, como se isso aproximasse os homens, e as mulheres sob sua guarda patriarcal, do governo original do Paraíso, sem desigualdades de gênero, ou, ao menos, da sombra desse governo. Em outras palavras, ainda que a prerrogativa patriarcal fosse tolerada pelas Testemunhas de Jeová, elas subvertiam o patriarcado, com seu ideal de uma chefia compassiva e dócil, confundindo os fundamentos *mundanos* desse tipo de governo viril. Além disso, todas as Testemunhas de Jeová eram aconselhadas a evitar a esfera pública, tradicionalmente masculina, em que as mulheres, seus maridos e demais parentes do gênero masculino deveriam privilegiar o lar e a família. Finalmente, o mais interessante dos desvios de gênero, as mulheres eram equiparadas a um Deus neutro ou ambíguo, onipotente, mas submisso e oculto pela própria vontade. Uma potência divina que submeteria homens e mulheres ao seu poder, de maneira igual, talvez com a capacidade de criar uma outra natureza sexual em seu governo vindouro – algo alegadamente impossível por meio da agência humana feminista. Mesmo que, no fim das contas, toda essa teologia sexual subversiva se aparentasse com o feminismo combatido – uma influência oculta, ajudando as Testemunhas a elaborar sua epistemologia bíblica.

Recebido em: 28/02/2018

Aprovado em: 22/06/2018

21 A *SENTINELA*. São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 15/2/1976, p.100-103. Watchtower Library 2012 – Edição em Português. São Paulo, 2012. CD-ROM.